

**FRONTEIRAS LEXICAIS:  
SUGESTÃO PARA UMA DELIMITAÇÃO  
DOS PREFIXÓIDES EM PORTUGUÊS.**

*Paulo Mosânio Teixeira Duarte (UFC)*  
*ptaxaria@yahoo.com.br*

**RESUMO**

Neste artigo visamos a passar em revista várias concepções da entidade que atende pelo nome de prefixóide, embora se apresente distinta em cada autor do ponto de vista conceptual. Em seguida, apresentamos nossa proposta baseada nos critérios: pauta acentual, flexão, formação de derivados, recomposição, braquissemia sintática. Posição ante-SN

**Palavras-chave:** fronteira lexical, prefixóide, braquissemia.

**INTRODUÇÃO**

O termo *prefixóide*, à luz de seus constituintes, *prefixo* e *óide*, significa “semelhante ao prefixo”. Isto implica dizer que o prefixóide partilha de certas semelhanças com o prefixo e também ostenta algumas diferenças com ele. Caracterizado nestes termos, ainda vagos, algumas questões ficam obviamente mascaradas. Responder a elas é o objetivo deste trabalho, que, na verdade retoma alguns pontos e os amplia. Sugere outros critérios adicionais. Apóia-se em outros autores que estudaram assunto sob outra perspectiva, o que, naturalmente, muda o objeto, pois, ancoramo-nos no bordão medieval: “*vox significat mediantibus conceptibus*”.

Uma das questões se refere aos parâmetros utilizados pelos lingüistas para a identificação do prefixóide. São tantos que, em nossa tese de doutorado (Duarte, 1995, p. 61-70), não acolhemos a existência do referido elemento.<sup>8</sup> Não há, de fato, uma caracterização u-

---

<sup>8</sup> Por isto, é questionável a alusão que fazem Cunha e Cintra (1985, p. 111) aos prefixóides, aproximando as perspectivas de Li Ching (1973), Carvalho (1974, p. 554) e Iorgu e Manoliu (1980, p. 44-9), como se elas admitissem plena superposição. Pior: fazem crer que o conceito de prefixóide ostenta univocidade.

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

nívoca para a referida entidade.

Há autores, como Rocha (1998), que batiza com o sufixo-óide todo constituinte de ocorrência única, *hápax lugoúmena: basóide* (ex: demolir, impedir, epitáfio), *prefixóide* (ex: obter, supor, resguardar), *sufixóide* (ex: casebre, urinol, marisco).

Autores como Li Ching (1973) e Iorgu e Manoliu (1980, p. 44-9) se apóiam na cronologia e caracterizam os prefixóides como constituintes de introdução recente na língua, por via científico-tecnológica; e na produtividade, sendo esta traduzida em termos de número. Ressalte-se que Iorgu e Manoliu, já citados, estabelecem critérios propriamente lingüísticos para a identificação do prefixóide, a saber:

a) a mobilidade distribucional, a exemplo do que ocorre com *filo*, que pode ocupar a primeira ou a última posição no vocábulo: *filo-germânico/germanófilo*;

b) o da correspondência entre elemento truncado e elemento pleno, a exemplo de *tecnó* e *técnicó* em *tecnocracia* e *eletrotécnicó*, respectivamente.

Critério diverso destes acima é o de Sandmann (1989, p. 105-15), embora advogue o critério da produtividade sob a rubrica *formação em série* ao lado de um critério que repousa sobre bases formais:

c) o da correspondência material entre forma livre e forma presa, a despeito da diferença distribucional entre uma e outra, como em *so-bre*, preposição (voar sobre a cidade), e *sobre*, elemento prefixado (sobrevoar).

Por fim, há que se ressaltar o critério semântico, adotado por Iorgu e Manoliu (1980), enunciável da seguinte forma:

d) a estabilidade semântica dos prefixóides é maior em relação à dos prefixos, o que será explicado e ilustrado no momento oportuno.

Nosso objetivo, em primeiro lugar, é identificar os parâmetros utilizados por diversos autores para a caracterização dos prefixóides e avaliar criticamente os mesmos, a fim de verificarmos se são ou não sustentáveis. Analisamos em seguida outros parâmetros:

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- a) um, mais básico e elementar, o *acento secundário*;
- b) a *braquissemia* sintática, que consiste no uso de uma palavra somente ao fim numa série afixal, exemplo de *intra* e *interpartidário*, em vez de *intrapartidário* e *interpartidário*;
- c) a *braquissemia* mórfica, que consiste no uso compactado de palavras, como *pós-* em lugar de *pós-graduação* e subsidiariamente a *possibilidade de formação do plural e de derivados da forma braquissêmica*;
- d) o uso do constituinte prefixado junto não apenas a palavras, mas também a sintagmas nominais, à semelhança das preposições;

Para atendermos aos objetivos acima, dividimos nossa discussão em duas partes. Na primeira, identificamos e analisamos os critérios para o conceito de prefixóide, subdivididos em:

- a) critérios extralingüísticos, que abrange dois subcritérios, o cronológico e o da produtividade;
- b) critérios lingüísticos, subdivididos em critérios formais e critérios semânticos.

### CRITÉRIOS PARA O CONCEITO DE PREFIXÓIDE: AVALIAÇÃO CRÍTICA

#### *Critérios baseados na produtividade*

#### **O critério de Rocha**

O mais elementar dos critérios é o de Rocha (1998), que caracteriza as formas em *-óide* baseado no critério de ocorrência única. Em primeiro lugar, a não recorrência do assim chamado constituinte pode passar despercebido a muitos e dependerá da consciência lingüístico-lexical do falante, justamente pela ausência de uma sólida baliza paradigmática. Em segundo lugar, decorrentemente do exposto retro, a opacidade semântica pode ser freqüentes vezes inevitável. Em terceiro lugar, a noção de hápax legómena se socorre da própria competência lingüística do lingüista, que é relativa e falível. Em quarto lugar, um critério que se estriba só na forma pode levar a resultados questionáveis.

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Admitamos a série acolhida pelo autor na página 163, a propósito dos basóides, que guardam relações com elementos prefixais: *corroborar*, *demolir*, *dissidente*, *epitáfio*, *impedir*, *inédito*, *periferia*, *trasladar*. Vamos valer-nos de nossa competência sincrônica e usar o eixo das entidades coexistentes. Não sabemos se haveria transparência semântica do prefixo *dis-* e de sua base única. Dizemos o mesmo de *co(r)* e *roborar*. O prefixo *epi-* só é transparente para quem é familiarizado com seu significado, “sobre”, o que pode levar à suspeição de uma base presa *táfio* de significado ignorado, a não ser que o falante saiba *a priori* que é “túmulo”. *Peri-* e *tras-* também podem ser indiciadores, embora não haja pistas sincrônicas para se afirmar o significado de *feria*, e *ladar*. A forma *inédito* nos parece um exemplo razoável porque a base presa se prende à forma livre *editar* e o prefixo se nos aflora mais claramente negativo. Os exemplos *demolir* e *impedir* são os mais opacos para análise a nosso ver. Os resultados não nos parecem convincentes e sólidos, antes muito instáveis. A ser assim, assiste razão a Frei (*Apud* Freitas, 1981), que, contestando Harris e seu método distribucional, objeta que, aplicado ao francês, chegar-se-ia a resultados insatisfatórios. Obter-se-iam as bases *tager*, *taler*, *tamer* a partir de constituintes periféricos *dé-*, *é-*, *en-*, *par-*.

Os exemplos de sufixóides dados pelo autor são mais claros, já que os sufixos partem de palavras, formas livres (cf. Rocha, 1998, p. 124), mas os prefixóides apresentam problemas de análise similares aos dos basóides. Eis a série: *contracenar*, *descrever*, *manter*, *obter*, *resguardar*, *supor*.

Poupamo-nos de comentar a opacidade da cinco últimas bases. Que falante relacionaria o *ter* de algumas formações com o verbo *ter*, e *por*, de *supor*, com o verbo *pôr*? Que significado indiciam os prefixos *ob-*, *man-* e *res-*? Em suma: às vezes, nenhum elemento nada indicia.

Se não houvesse o problema da intransparência semântica em significativa parte das formações acima, ver-se-ia que *man-* aparece em *mancheia*, *manobra* e *manipular*; e *ob-* em *obturar*, *óbvio*. Em *obstar* o prefixo teria o valor semântico mais claro, a nosso ver: “oposição”.

Outro exemplo com base presa é *obstruir*, que forma paradigmas evidenciadores bem ao gosto de lingüistas mais ligados ao

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

formalismo: *construir/ obstruir; construção/obstrução*. Dá-se, inclusive, em ambos os casos, *lexicalização estrutural*, que decorre de alguma anomalia fonética na Regra de Análise Estrutural, nos fones ou sílabas. No exemplo do substantivo, a não-existência da vogal temática do verbo. Se houvesse, o derivado de *obstruir* seria *\*obstruição*.

Sequer há ocorrência única do prefixo em todos os casos, o que mostra, não incapacidade por parte do autor, mas diferenças de competência lexical, que pode ter ocorrido por uma mera contingência.

### O critério de Li Ching e Iorgu e Manoliu

Li Ching (1973), em estudo sobre a formação de palavras com prefixos, faz alusão aos prefixóides, justificando a ampla difusão destes últimos, através dos condicionamentos de ordem científica e tecnológica a partir do século XIX. Isto propiciaria o grande rendimento dos mesmos.

Na mesma senda do lingüista chinês, Iorgu e Manoliu (1980) postulam a existência dos prefixóides, distinguindo-os dos prefixos nos seguintes termos:<sup>9</sup> os prefixóides se distinguem dos prefixos pela cronologia. Aqueles, de procedência grega ou latina, são de introdução relativamente recente, apresentam caráter culto e neológico e são usados para cunhar termos técnicos e científicos.

A caracterização é irrelevante e inconsistente. O que releva, neste caso, é naturalmente o tempo e produtividade, ambos de natureza extralingüística.

Este último, em termos de mero número, como um fim em si mesmo, não merece acolhida, pois, como os fatores precedentes, são exteriores à língua. No entanto, mesmo sendo admitido, devem-se

---

<sup>9</sup> Iorgu e Manoliu acrescentam aos dois critérios citados um outro, de natureza lingüística, fundado na diacronia. Não reservamos a ele lugar à parte, por ser subsidiário e por não merecer comentários de maior monta. O "critério" pode ser assim formulado: os prefixóides procedem de substantivos e adjetivos, não só de advérbios e preposições, como os prefixos. Esta diferença por si só não basta, pois é de caráter parcial. Afinal, os prefixos e prefixóides têm em comum o fato de serem provenientes de preposições e advérbios. Ademais, a constatação da diferença requer do analista conhecimento suplementar sobre as línguas latina e grega, o que demonstra a natureza diacrônica da postulação.

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos

opor dúvidas quanto à natureza empírica da suposta distinção: uma observação atenta demonstra que o trabalho de Li Ching diverge do de Iorgu e Manoliu quanto à produtividade dos assim pseudoprefixos, a exemplo de *auto-*, *micro-*, e *tele-*, mostrando que eles são muito produtivos.

O critério de produtividade é de natureza ancilar e não essencial para a identificação das unidades lingüísticas. Bem assinala Besa (1986, p. 225) em sua tese doutoral: “o critério da produtividade é útil para mensurar as regras de formação de palavras, mas não para embasar a existência dos entes lingüísticos”.

Vale destacar a seguinte ressalva de Basílio (1991, p. 73), em conclusão a um estudo sobre fronteiras lexicais: : “(...) qualquer formação regular tem potencial indeterminado de recorrência e a frequência de uso, portanto, não pode se constituir em critério sólido de caracterização de unidades e fronteiras lexicais”.

### ***Crítérios lingüísticos baseados na distribuição e no sentido***

Sob a rubrica *crítérios formais*, encampamos, conforme já explicitado, os seguintes subcritérios: a) o da mobilidade distribucional; b) o da correspondência entre elemento truncado e elemento pleno; c) o da correspondência entre forma livre e forma presa.

O primeiro subcritério foi professado na aludida obra de Iorgu e Manoliu (1980, p. 48). Admitem as autores, a propósito do elemento *filo*, em *filogerman/francofilo*, *germanofilo*, que a mobilidade do morfema é peculiaridade desconhecida dos prefixos. Por isso, tratam-no como prefixóide. Por que não *sufixóides*?

A propósito, Chevalier *et al.* (1987, p. 56-6) reconhecem igualmente a mobilidade e assinalam que os elementos móveis constam de formações limítrofes entre a composição e a derivação. Tal é o caso da palavra *pitecantropo*, cujos elementos aparecem invertidos em *antropopiteco*. Os elementos mórficos, por não terem existência autônoma no léxico, não constituiriam composição em plenitude.

Causa espécie denominar prefixóide o elemento móvel. Passível de ocupar também a última posição do vocábulo, poderia igualmente ser denominado sufixóide. A solução mais coerente é tra-

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tar o elemento dotado de mobilidade como composicional como raízes ou radicais Nisto, estamos concordes com Bessa (1986, p. 190) e com Mateus *et al.* (1990). Dizem estas últimas autoras:

Estes elementos são habitualmente referidos como prefixos ou sufixos, ou ainda como primeiros ou segundos elementos de compostos. Mas o seu comportamento é distinto do dos afixos, uma vez que, em determinados casos, eles se podem associar entre si, o que não acontece nunca com os afixos isoladamente (1990, p. 432-3)

### Exemplifique-se:

filantropia  
morfologia  
reção  
submento  
bilidade

As autoras referem a possibilidade de mudança de posição, não ocorredição com afixos:

antropologia / filantropia  
democracia / epidemia  
filosofia / columbofilia  
fonologia / telefonia  
grafologia / caligrafia

Os elementos móveis, enfatizamos, configuram composição. Não há nenhuma utilidade descritiva para processos intermédios com base na mobilidade distribucional.<sup>10</sup> A propósito, justiça seja feita a Gleason (s/d), que teve um *insight* deste fenómeno, embora o não arremate para explicitar parcialmente uma teoria dos compostos:

Na verdade, não se revela satisfatório dividir *thermometer* como *thermo-meter*, nem como *therm-ometer*. A comparação com *isotherm* indica-nos que *therm* é um morfema. *Meter* tem existência autónoma como palavra. Logo, nem *thermo-* nem *-ometer* são morfemas simples (s/d, p. 64-65).

---

<sup>10</sup> Usamos o sintagma *mobilidade distribucional* até agora para nos referirmos à possibilidade de um elemento ocupar a primeira ou a última posição no corpo de um vocábulo. Contudo, autores há, como Bessa (1986), que entendem em sentido mais amplo o mencionado sintagma. É considerado, para este autor, elemento distribucionalmente móvel a) todo elemento reversível em uma estrutura vocabular; b) todo elemento distribuível fora de uma estrutura vocabular, a exemplo de *ante*, *contra*, *entre* e *sobre*; c) todo elemento capaz de ser base de derivados, a exemplo de: *térmico* e *elétrico*.

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Além do critério da mobilidade distribucional, há um outro aduzido para a caracterização do prefixóide: a paridade entre forma truncada e forma plena, defendido por Iorgu e Manoliu (1980, p. 48). Estes, a propósito dos exemplos *electro-* e *tecno* (romeno *electro* e *techno*), asseveram, num primeiro momento, que as formações de que participam deveriam ser consideradas antes como compostas que como derivadas, para depois, contraditoriamente, afirmarem que o mais acertado seria colocá-las numa categoria à parte, entre a derivação e a composição.

Limitemo-nos ao português, idioma em que ocorre fenômeno similar, como se pode verificar nos exemplos abaixo:

<i>Formas com elemento truncado</i>	<i>Formas com elemento pleno</i>
eletroquímica,	termoelétrico,
eletrodinâmico	hidroelétrico
tecnocracia,	tecnocrata      zooténico termonuclear,

É preferível classificar *termo*, *eletro* e *tecno* e congêneres como radicais, dada a gênese de formas *térmico*, *elétrico* e *técnico* (cf. Bessa, 1986, p. 96). Não existe variação formal ou, em outras palavras, relação entre forma reduzida e forma plena porque isto nem sempre ocorre conforme os exemplos: *filósofo/francófilo*, *fotógrafo/aerofoto*, *temômetro/megatermo*. Metodologicamente viável é assumir que a forma plena deriva da forma reduzida.

O critério semântico, advogado por Iorgu e Manoliu (1980), já citados, assume a seguinte forma: os prefixóides apresentam um sentido mais estável que o dos prefixos. Os autores apresentam os seguintes exemplos: *auto*, em *autodidata*, *autocrítica* e *automóvel*, significa, como no grego, “a si mesmo”; já não tem, no entanto, o mesmo significado em *autoestrada* e *autopista*. *Foto* significa “luz” em *fotografia*, mas não apresenta o referido significado em *fotolegenda*.

A proposta dos linguístas romenos mistura formas com truncamento ou formas reduzidas com formas verdadeiramente presas. Formas como *auto* e *foto*, em *autopista* e *fotolegenda*, são tratadas sob o nome de *recomposição*, que consta de dois estádios: a *decomposição*, pela qual uma forma vale por todo o vocábulo (ex.: *foto* em lugar de *fotografia*) e a *recomposição*, que implica a adição da forma

decomposta a um lexema (ex.: *fotolegenda* e *fotonovela*) (cf. Bessa, 1978).

***O critério misto de Sandmann: Formação em série e distribuição***

Por fim, resta fazer alusão ao de Sandmann (1989, p. 105-15). O lingüista sugere, contra o critério puro e simples da formação em série, a adoção de critérios gramaticais e semânticos, para identificar um prefixóide. Refuga a tese daqueles que reconhecem prefixóides em formações oriundas de elementos gregos e latinos que não têm livre curso (em francês no caso) porque estes elementos podem ocorrer também sufixadamente, como se constata em *anglófilo* e *filotécnico*. Trata-os ora como prefixos ora como sufixos. Não concordamos com o autor porque se trata de uma forma com mesmo significante e mesmo significado, variando apenas quanto à posição. Como asseveramos em artigo sobre operação do conceito do conceito de raiz, que saiu nesta revista em 2008, preferimos tratar constituintes assim, móveis, como raízes ou radicais.

O autor vale-se do termo prefixóide, pautado em dois parâmetros: a formação em série (o critério da produtividade) e a relação, no plano significante, entre determinadas formas livres e formas prefixadas, não obstante diferenças distribucionais entre umas e outras. São prefixóides:

- a) além: que se liga a nomes sem preposição *de*, diversamente do que ocorre com a locução prepositiva *além de*;
- b) bem, mal: que se adjungem a verbos em posição inicial (bem-estar, mal estar); no que tange a *mal*, esta forma também se anexa a substantivos (malcriação, mal-educação);
- c) não: que se prepõe a substantivos e adjetivos;
- d) contra, sobre, sem: que equivalem a preposições materialmente, mas não funcionalmente;
- e) pró: cuja forma livre é empregada muitas vezes como substantivo (os prós e contras).

Podemos sintetizar assim:

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos

- a) forma corresponde a locução prepositiva: *além*;
- b) formas correspondentes a advérbios: *bem, mal, não*;
- c) forma correspondente a preposições: *sobre, contra, sem*;
- d) forma correspondente a substantivo: *pró*.

À lista c) acrescentar-se-iam ainda *entre-* (de entrever) e à b), a forma *extra*, que, diferentemente da forma livre, ocorre antes de adjetivos (extra-oficial, extraterrestre) e de substantivos (extraclasse). Mas não achamos viável esta crítica porque depende muito de produtividade do corpus, sob o nome de formação em série. Mas, a depender do corpus, a classificação pode mudar, flutuar. O que chamamos raiz pode noutro momento ser raiz. Corpus é muito caprichoso. Em nossa tese, tivemos ocasião de nos deparar com constituintes de baixa produtividade e que sabíamos não sê-lo. Tivemos de recorrer a dicionários baseados em nossa intuição de falante.

### NOSSA PROPOSTA

#### *O critério do acento secundário*

Conforme expusemos na secção acima, para a caracterização do prefixóide o critério da mobilidade distribucional, o da correspondência entre forma truncada e forma plena fundam a composição. Isto já foi objeto de artigo nosso nesta revista acerca de propostas para uma operacionalização do conceito de raiz.

Para definirmos o que é um prefixóide, precisamos definir o que é um prefixo típico. A nosso ver, ele se caracteriza pelos seguintes aspectos:

- a) é uma forma presa;
- b) não muda a classe de uma palavra, considerando o eixo paradigmático, o que nos faz descartar exemplos como *creme dental anticárie, guerra antiterror* dentre outros, cuja mudança categorial da base se dá no plano sintagmático. Com isto refugamos posição anterior, firmada em nossa tese doutoral (cf. Duarte, 1995), baseada em exemplos extraídos da Alves (1990).

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

c) é átono, a exemplo das formas afixais em *infeliz*, *desleal*, *dependurar*.

O prefixóide comunga com certos traços prefixais. Porém, ao contrário do que postulamos em c), tem acento secundário, acento 2. Comporta-se como um vocábulo fonético. Exemplificamos com:

contra-ataque intramuscular sobrevoar subclasse

2            3            2    3    2    3    2    3

Baseamo-nos na proposta de Carvalho (1974), que salienta apenas o critério fonológico, que julgamos necessário, todavia não o único. Para o linguísta português, existem elementos afixais que ostentam um certo grau de independência acentual, de tal modo que os itens lexicais de que tomam parte apresentam dois acentos, um primário e outro secundário, do que resulta um esquema acentual análogo ao dos sintagmas fônicos. Nas palavras do autor:

Estes, em particular, distinguem-se dos restantes prefixos (...) por possuir, cada um deles, uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto do de um sintagma. (1974, p. 554).

Este critério acentual é fundamental, pois prefixóides são também formas presas e não operam mudança na classe vocabular. Duas observações se fazem necessárias: o fato de os prefixóides possuírem uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes” não é específico dos prefixóides e visto isolado nada acresce em relação aos demais prefixos conforme acentua Freitas (1981, p. 129). Mas, se a afirmação do linguísta português for conjugada à identificação acentual, realmente o prefixóide ganha proeminência por força do acento. Equivale dizer que o prefixóide e a base se comportam como dois vocábulos fonéticos. O acento 2 do prefixóide chama mais atenção da consciência, mais exatamente o que, na Filosofia Fenomenológica de Husserl, se denomina *consciência intencional*, o escopo da consciência sob dado aspecto (cf. Abbagnano, 2001, s.v. *consciência*). O prefixóide é o alvo mais saliente de nossa percepção que um simples prefixo, átono. Sem o contexto da tonicidade, da qual decorrem dois sintagmas fônicos, a que alude Carvalho, não se dá o devido destaque à afirmação da condição de saliência do prefixóide ante os prefixos, átonos, reiteramos. Faz-

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

se necessário ressaltar que estamos excluindo o chamado acento expressivo em certas condições discursivas de que fala Cunha (1983), a exemplo do prefixo na frase : *eu sofro muito, sou mesmo INfeliz* (acentua o significado da negação incidente sobre a base); *eu não falei para o aluno ler a lição, mas para REler* (acentua o contraste entre o simples ler e repetição do ato de ler).

### *A braquissomia e fenômenos correlatos*

Passemos a um critério que vem sendo estudado por nós, o da braquissomia, processo que consiste no emprego de parte do vocábulo pelo vocábulo inteiro. Ampara-se no princípio da economia da linguagem. Deriva da subtração, não da adição de morfemas. Abrange reduções como:

pneumático	→ pneu
fotografia	→ foto
cinema	→ cine
hiperinflação	→ hiper

Interessa-nos de perto o que Rocha (1998) chama *Truncamento Estrutural*, pois abrange um segmento fônico de caráter morfêmico.

multinacional	→ multi
vice-presidente	→ vice
ex-mulher	→ ex
microcomputador	→ micro
pré-vestibular	→ pré
pós-graduação	→ pós
homossexual	→ homo
heterossexual	→ hetero
pentacampeonato	→ penta

O fenômeno braquissêmico acima ilustrado permite identificar elementos mórficos, como *hiper-* e *multi-* de outros, como *in-* e *des-*, que são verdadeiros prefixos. Por isso, estamos perante prefixóides, que gozam de estatuto muito semelhante ao da palavra, no que tange à pauta acentual, como mostraremos oportunamente.

A braquissomia, descrita nos termos acima, é conexas com o fenômeno da conversão substantival. Através dela, o elemento braquissemicamente usado é núcleo de funções sintáticas típicas de substantivos.

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Objetar-se-ia que a palavra apagada está subentendida, o que é indiciado pelo fato de alguns elementos conversos serem refratários à flexão, a exemplo de:

o pré	*os prés
a pós	*as poses
a hiper	*as hiperes

Há, todavia, casos em que o elemento braquissêmico recebe a marca da flexão:

- as múltis
- as máxis
- as teles
- as micros
- os vices

Não se pode, pois, argumentar, que há implicitude do constituinte apagado, pois este bloquearia a flexão.

Impõe-se, pois, associar a braquissemia à conversão substantival, quer seja esta de caráter parcial, quer seja de caráter total.

A forma braquissêmica, que é uma nova base, pode dar lugar a novas formações, conforme nos mostra Alves (1990, p. 26), com os exemplos: *supermicros*, em lugar de *supermicrocomputadores*, e *supermínis*, em lugar de *superminicomputadores*. Nós próprios já nos deparamos com um exemplo de derivação sufixal: *micreiro*. Acresça-se a tudo isto a possibilidade de recomposição, já aludida na secção anterior: *teledramaturgia*, *telecurso* (tele < televisão), *homofobia* (homo < homossexual).

Em suma, a braquissemia relaciona-se com a substantivação. O substantivo gerado pode submeter-se, adicionalmente aos parâmetros morfológicos abaixo elencados:

- a. flexão;
- b. formação de derivados;<sup>11</sup>
- c. recomposição

---

<sup>11</sup> Sob a denominação *derivados* incluímos genericamente formações com prefixos, prefixóides e sufixos. Numa análise mais refinada, os prefixóides fariam parte de um processo distinto daquele que envolve prefixos e sufixos, estes inclusos propriamente na derivação.

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Com base nos critérios acima, podemos afirmar que *hiper* e *pós* são de substantivação mais precária, porque atendem apenas à condição básica: ser núcleo de SN. No extremo, encontra-se *micro*, que se submete não apenas à condição básica, mas também aos três critérios acima. *Tele*, intermediariamente, atende ao requisito básico e aos critérios a) e c).

Com o que dissemos supra, queremos enfim dizer que os prefixóide se relacionam com formas braquissêmicas, obtidas por truncamento estrutural, que representam a totalidade do vocábulo, e que se submetem a pelo menos um dos valores paramétricos supracitados

O prefixóide pode relacionar-se também com outro tipo de braquissesmia, de natureza contextual, em que um dos elementos, a base, é subtraído em virtude de ser empregado no vocábulo seguinte. Pode atingir formações dessubstantivais e deadjetivais:<sup>12</sup>

- a) a infra- e superestrutura < a infraestrutura e a superestrutura
- b) o pré- e pós-parto < o pré-parto e o pós-parto
- c) macro- e microestrutural < macroestrutural e microestrutural)
- d) inter- e intrapartidário < interpartidário e intrapartidário)

A braquissesmia contextual das formações com prefixóides assemelha-se à das formações em *mente*: *esplêndida* e *maravilhosamente* (< esplendidamente e maravilhosamente).

Um fato a destacar é que prefixóides e formas livres podem, às vezes, coordenar-se:

- a. José comprou uma micro e pequena empresa.

Prova tal que a tonicidade influi que temos a frase:

- b. José estuda a pré- e a pós-posição do advérbio na frase.

Mas não:

- c. Estudo pré e posposição como classes de palavras.

---

<sup>12</sup> Nos exemplos abaixo, *micro* assume um comportamento peculiar, já que pode ligar-se braquissemicamente a um adjetivo: *micro e pequena empresa*.

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Dizemos:

d. Estudo preposição e posposição como classes de palavras.

Outro fenômeno que nos chama a atenção, embora particular, pois se subjunge a alguns prefixos é o fato de os constituintes mórficos iniciais se anexarem a sintagmas nominais, o que põe a questão: estariam formando novas palavras ou transcendendo esta função se comportando próximo de um vocábulo?

a. João ainda ama a ex-primeira mulher.

b. O governo desenvolve políticas antimovimentos racistas.

### CONCLUSÃO

E eis o quanto basta, pelo momento, para a identificação do prefixóide. Na pesquisa que vimos desenvolvendo acerca da referida entidade, outras questões se põem e merecem análise mais detida. Por exemplo:

a) por que o primeiro tipo de braquissemia não é encontradiço em adjetivos?

b) por que a braquissemia contextual não é identificável em formações verbais?

c) por que alguns prefixóides, quanto à braquissemia sintática, se caracterizam pela possibilidade de admitir adjunção a sintagmas e outros não?

Em relação à questão c), podemos ilustrar com o prefixóide *pós*: *pós-primeira guerra*. *Pós-* ostenta, neste caso, certo paralelismo com a preposição *após*. Este contexto *pós*-SN não é extensivo a todos os prefixóides.

Outro fato a registrar-se é o próprio indício da escrita. Os prefixóides ostentam tamanha vitalidade fonológica que se separam do outro vocábulo: *mega sena super barato, hiper mercantil*.

Resta saber até que ponto nossas indagações têm relação com bases diacrônicas. Sabemos que muitos prefixos remontam aos tempos de Plauto, como *ex-*, e outros vieram no século XIX, por via ci-

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

entífica, do latim medieval, e tiveram larga difusão.

Por fim, podemos propor um quadro das características dos prefixóides:

- a) pauta acentual 2;
- b) braquissemia mórfica ou truncamento estrutural;
- c) braquissemia sintática;
- d) posição ante-SN.

Quanto mais traços houver, mais a entidade se constitui como prefixóide, elemento de semiderivação e não de derivação, fronteiroço, pois, entre a composição e a composição.

A escrita, marcada pela separação do prefixóide em relação à base, é uma característica ocasional muito contida pela norma culta. Por isto, não a acolhemos.

### BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.

BASILIO, Margarida. “Produtividade, função e fronteiras lexicais”. Porto Alegre. V Anais da ANPOLL, 1991.

BESSA, José Rogério Fontenele. *Para um estudo de nomes compostos no português atual*. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras da UFRJ, 1978 (Dissertação de Mestrado)

BESSA, José Rogério. *A composição nominal e adjetival: problemas e métodos*. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras da UFRJ, 1986 (Tese de Doutorado).

CARVALHO, Herculano de. *Teoria da linguagem*. Coimbra: Atlântida, 1974

CHEVALIER et al. *Grammaire du français contemporain*. Paris: Larousse, 1987

## Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CUNHA, Celso Ferreira da e CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso Ferreira da . *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Padrão, 1983.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. *Formação de palavras em português com prefixos latinos e vernáculos*. Fortaleza: EDUFC: 1995.

FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de morfologia*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

GLEASON Jr., H. A. *Introdução à lingüística descritiva*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, [s/d]

IORGU, Iordan y MANOLIU, María. *Manual de lingüística românica*. Madrid: Gredos, 1980.

LI CHING. “Sobre a formação de palavras com prefixos em português actual”. *Separata do boletim de filologia XXII*, p. 3-100, 1973.

MATEUS, Maria Helenas Mira et al. *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SANDMANN, Antônio José. *A formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Ícone, 1989.